



SÉRIE DIÁLOGOS ESTRATÉGICOS (NT15)

CHINA E BRASIL: POTÊNCIAS DO AGRONEGÓCIO GLOBAL

Mario Seixas, PhD
Elisio Contini, PhD

1. Resumo executivo

A Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas (Sire) disponibiliza a **15ª Nota Técnica** da Série Diálogos Estratégicos-Mercados Internacionais, abordando a visível complementaridade entre os setores do agronegócio da China e do Brasil, particularmente em grãos, carnes e laticínios. Este trabalho está fundamentado em recentes relatórios publicados por organizações e instituições nacionais e internacionais de elevada reputação como a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) e o Business Monitor International Research (BMI).

Com populações estimadas em 1,4 bilhões (China) e 210 milhões (Brasil) de pessoas, em 2017, a primeira representa enorme e importantíssimo mercado para as exportações do agronegócio brasileiro de grãos (soja e milho) e carnes, principalmente. A produção agrícola chinesa registrou forte crescimento nos últimos anos, impulsionada por expansão da área cultivada e crescimento da produtividade. O crescimento da produção está desacelerando em algumas das maiores regiões produtoras, devido, principalmente, ao acesso à água e restrições de áreas para expansão agrícola. O governo da China reconheceu o desafio e busca reformar o setor com o objetivo de impulsionar a mecanização e, eventualmente, permitir a comercialização de culturas geneticamente modificadas (GM) no país, através da aquisição realizada pela China National Chemical Corp (ChemChina) da Syngenta, em 2016/17 (Market Early Warning Expert Committee of Ministry of Agriculture of China, 2016).

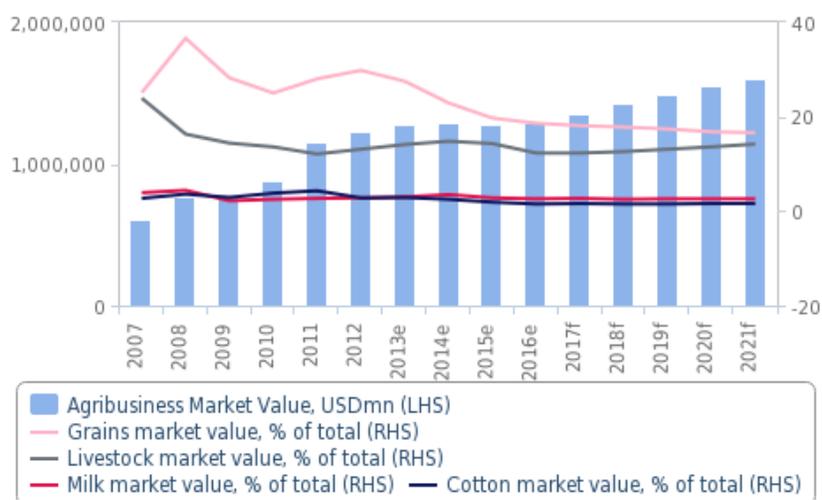
Autoridades da China pretendem solucionar deficiências e desafios crescentes no setor agrícola, incluindo desequilíbrios no setor de grãos (superprodução, preços elevados muito acima dos níveis internacionais, estoque excessivo do governo), degradação ambiental e aumento do déficit de produtos de maior valor agregado, como laticínios e carnes. Concentram-se em aumentar a produtividade das culturas para compensar a estagnação da terra arável, mas sem sacrificar o meio ambiente (BMI, 2018e).

Estima-se que a produção agrícola aumente para o período considerado (2018-2022), mas a emergente escassez de água pode revelar-se um sério obstáculo, pois o setor consome cerca de 70% dos recursos hídricos de superfície da China. A extensão das terras agrícolas é de 5,1 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 76,3% são destinados a pastagens e 3,2% para cultivos permanentes. O crescimento robusto do consumo e a industrialização contínua da agricultura favorecerão o desenvolvimento dos setores pecuário e leiteiro nos próximos anos (**Figura 1**) (BMI, 2018d e ApexBrasil, 2017).

O consumo de grãos será elevado e impulsionado, principalmente, pela recuperação da produção de suínos, pelo aumento da produção de aves de corte e pela recuperação da demanda por alimentos. O crescimento do consumo de milho e de soja superará a produção, já que estas commodities são utilizadas também para fins de alimentação animal. As importações de milho chegarão a cerca de 2,5 a 3,0 milhões de toneladas em 2018, em comparação com as 4 milhões de toneladas importadas, em média, nos últimos cinco anos. Muito embora o Governo tenha atuado no sentido de diminuir seus estoques de milho, criou outro fato relevante ao introduzir uma mistura mandatória de 10% de etanol (E10) aos combustíveis, até 2020. A taxa de mistura real é estimada entre 2,0% a 2,5%, deixando patente que a China precisará investir na expansão da capacidade agroindustrial e importações para atender a essa ambiciosa meta de E10 (BMI, 2017a, 2018d).

O setor pecuário está em franca recuperação. A produção é ascendente e será positiva em todos os subsetores em 2018. Projeta-se forte crescimento no consumo chinês de carne bovina, suína e de frangos no período considerado, até 2022. O setor pecuário irá acelerar o processo de consolidação e modernização, a fim de acompanhar a demanda, com foco na genética, integração vertical e escala dos negócios. A China manterá a autossuficiência em aves, mas seus déficits em suínos e carne bovina aumentarão gradualmente à medida que os consumidores mais abastados se voltam para ofertas importadas de maior qualidade (BMI, 2018d). Com a abertura do mercado chinês de carne bovina, a expectativa é que a China se torne também o principal destino das exportações brasileiras pois, atualmente, o Brasil já é o maior fornecedor de carne de aves para o país.

Figura 1: China: Evolução do valor de mercado do agronegócio



Fonte: BMI, 2018c

2. Reformas agrícolas da China

A China está avançando em seu plano de longo prazo para modernizar a agricultura por meio de uma série de mudanças, incluindo a reforma agrária, a liberalização parcial dos preços, um forte foco em inovação e planos ambiciosos de internacionalização por meio de suas estatais. As autoridades continuarão subsidiando fortemente o setor, o que consideram de importância estratégica. O governo também pretende proteger a segurança alimentar da China, mantendo uma grande produção doméstica enquanto desenvolve uma presença global através do comércio controlado e do desenvolvimento de grandes conglomerados. As vendas de sementes domésticas, proteção de cultivos e maquinário serão beneficiadas, juntamente com empresas agrícolas locais, incluindo empresas estatais e algumas das inúmeras empresas agtech que estão surgindo em todo o país (BMI, 2018e).

Para atingir esses objetivos, o governo está avançando com sete projetos que buscam moldar o setor:

- Reforma de estrutura de terras e propriedades rurais: Uma das principais características da reforma será o incentivo à consolidação e profissionalização dos agricultores, que visa aumentar a produtividade, a eficiência e melhorar a qualidade e a segurança dos alimentos. Como tal, os direitos de uso da terra estão sendo alterados e os agricultores são encorajados a alugar suas terras ou usá-las como garantia de créditos.

- Liberalizar parcialmente os preços agrícolas e diversificação da produção: um dos principais objetivos das reformas em curso é diversificar a produção agrícola para resolver questões de superprodução de grãos. A reforma dos preços mínimos de apoio ao governo e a política de estocagem, iniciada em 2014, está desempenhando um papel fundamental nesse processo. As autoridades também sugeriram que pretendem permitir que os mercados determinem os preços, sem dar prazos. Essas mudanças reduziram os preços e a produção de milho, incentivando os agricultores a diversificar as culturas, especialmente para a soja, em suporte aos setores pecuário e lácteo. Embora o governo apóie uma maior orientação para o mercado, os agricultores continuarão recebendo generosos subsídios agrícolas para garantir sua lucratividade.
- Consolidar empresas estatais atuantes na agricultura buscando criar uma cadeia global de suprimentos para agronegócios: a fim de mitigar sua dependência de produtos importados, a China está diversificando seus fornecedores e procurando assumir o controle das cadeias de produção e comércio ao construir grandes empresas estatais no agronegócio. Isso está sendo alcançado através da consolidação de empresas locais e da aquisição de empresas estrangeiras de agronegócios, como a empresa de sementes agrícolas e defensivos agrícolas, China National Chemical Corp (ChemChina) assumindo a liderança, com pelo menos três aquisições estrangeiras de larga escala desde 2010, incluindo a notável aquisição da Syngenta em 2017. Isso abre as portas para a comercialização de sementes transgênicas como o milho para uso em ração animal em um horizonte de três a cinco anos (BMI, 2018e).
- Foco em inovação e aAgtech: a inovação será uma característica chave para a China nos próximos anos devido ao apoio financeiro e político do Estado, que vê a tecnologia como parte integrante do desenvolvimento do país. Em particular, estima-se que o setor do agronegócio, juntamente com a indústria, ocupará posição de destaque na adoção da tecnologia, incluindo a Internet Of Things (IoT) e e-commerce, com o objetivo de modernizar a agricultura e aumentar a produtividade. A China já lidera inúmeras startups da agtech que conseguem obter financiamento relativamente grande. Em relação à pesquisa e desenvolvimento em insumos agrícolas avançados, a China continuará investindo em sua própria biotecnologia agrícola e sementes geneticamente modificadas (GM) (ver acima). O governo tem receio de permitir que empresas estrangeiras controlem seu mercado de sementes transgênicas e, portanto, está procurando desenvolver sua própria indústria de sementes transgênicas (BMI, 2018e).
- Intensificar ações para mecanização das áreas agrícolas: além do uso crescente de sementes melhoradas, a China busca promover a mecanização crescente no nível da propriedade rural, a fim de melhorar a produtividade. O declínio constante da mão-de-obra agrícola disponível e o custo crescente dos salários rurais também impulsionarão a necessidade de mecanizar ainda mais a semeadura e a colheita das culturas. A consolidação de propriedades rurais e o desenvolvimento do sistema cooperativo e das empresas de serviços agrícolas ajudará a aumentar a taxa de mecanização. O governo planeja atingir 70% de mecanização no setor de grãos até 2020, em comparação com 52%, em 2016. O foco no uso crescente de tratores trará grandes oportunidades para os fabricantes de máquinas locais e internacionais (BMI, 2018e).
- Promover uma agricultura ambientalmente amigável: O 13º Plano Quinquenal da China, fundamental para a estratégia do país para 2016-2020, apóia a 'produção ecologicamente correta'. Compromete-se a diminuir o uso intensivo dos aquíferos subterrâneos, limpar o solo poluído com metais pesados e recuperar regiões ecologicamente degradadas. Enquanto isso, o uso de fertilizantes será controlado, já que a aplicação excessiva de insumos no passado levou a uma severa degradação ambiental. Em vez de aplicar quantidades cada vez maiores de insumos, agora a tecnologia e o maquinário serão usados para aumentar a produtividade (BMI, 2018e).

- Iniciativa One Belt, One Road (megaprojeto de desenvolvimento da infraestrutura que liga 70 países da Ásia, Europa e África): a China está disposta a promover o comércio com países e regiões ao longo das rotas One Belt, One Road, que incluem fornecedores importantes de grãos. O país vem diversificando seus fornecedores agrícolas nos últimos anos, e espera-se que essa tendência aumente o ritmo em meio ao aumento dos volumes importados. Parte disso é feita naturalmente pela diversificação de produtos importados necessários, mas também é o resultado de uma política governamental deliberada, visando aumentar a segurança alimentar através da diversificação de canais de importação e estratégias de aquisição. O país vem ampliando a lista de países para os quais pode importar através de acordos de livre comércio e um número crescente de protocolos de importação sobre bens específicos. Os planos de longo prazo para a agricultura priorizam que as exportações de commodities, nas quais a China tem vantagens comparativa e competitiva, serão expandidas (BMI, 2018e).

3. PREVISÕES PRINCIPAIS DO AGRONEGÓCIO DA CHINA

- **Crescimento da produção de soja até 2021/2022:** 16,5%, a 15,0 milhões de toneladas. A queda do preço mínimo de suporte e dos esquemas de armazenamento para o milho está favorecendo a produção de soja. No entanto, prevê-se apenas modesto crescimento da produção devido, principalmente, à falta de terras disponíveis, projetando-se que a produção interna seja responsável, em 2020, por apenas 10% do consumo (BMI, 2018).
- **Crescimento da produção de suínos até 2021/2022:** 15,9%, a 61,9 milhões de toneladas. A produção de carne suína da China será apoiada pela modernização e industrialização contínuas da cadeia de fornecimento. A cadeia de produção estará submetida a um período inicial de adaptação, visto que milhões de pequenos produtores saíram do mercado, entre 2015-2016, depois da grande expansão verificada entre 2011-2013, o que ocasionou redução considerável nos lucros dos produtores (BMI, 2018).
- **Crescimento da produção de milho até 2021/2022:** 1,6%, a 223 milhões de toneladas. A China tem divulgado detalhes sobre sua nova política de produção de milho e apontam para menos incentivos para seu cultivo em muitas províncias, o que limitará a expansão da produção nos próximos anos. O déficit doméstico crescerá em ritmo acelerado até 2021/2022 (BMI, 2018).
- **Valor de mercado do agronegócio:** 1,42 bilhões de dólares em 2018, alta de 4,5% em relação a 2017, previsão de crescimento médio de cerca de 3,8% ao ano, entre 2018 a 2022 (BMI, 2018).

Em relatórios recém-publicados do setor de agronegócios da China, listou-se uma série de pontos relevantes que permitiram a confecção de um quadro SWOT da agricultura chinesa. Esse quadro é útil para se buscar mais informações (e previsões) sobre esse setor (BMI 2017, 2018).

Resumidamente, pode-se agrupar as principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças ao desenvolvimento da agricultura da China e de cujas análises muito se poderá agregar aos possíveis interesses do agronegócio brasileiro em sua expansão e busca de novos mercados naquele país (Tabela 1).

Tabela 1: Matriz SWOT

Forças	<ul style="list-style-type: none"> • Áreas agrícolas extensas e topografia diversificada colocam a China entre os maiores produtores mundiais de grãos, arroz e pecuária (bovina, suína e de aves de corte). • O crescimento constante do consumo na maioria das categorias agrícolas - excluindo os alimentos básicos como o arroz - ajudou a manter altos os investimentos privados e públicos no setor. • A natureza fragmentada de muitos dos subsetores agrícolas da China oferece espaço para um forte crescimento da produção sem a necessidade de incorporação de novas áreas. • Com a agricultura respondendo por cerca de 11% do PIB e mais de 40% do emprego, a indústria continua sendo um contribuinte vital para a economia da China.
Fraquezas	<ul style="list-style-type: none"> • A urbanização, deficiência hídrica e a poluição reduziram a área cultivada e as terras aráveis em quase todas regiões do país produtoras de commodities agrícolas. • A falta de investimento na infraestrutura de armazenamento deixou a indústria agrícola da China particularmente vulnerável a condições climáticas adversas. • A migração urbana está reduzindo a força de trabalho rural da China e a produção do trabalhador rural médio. • A falta de regulamentações padronizadas de saúde e segurança levou os produtores de alimentos, ávidos por cortar custos e melhorar as margens, fazendo uso das brechas regulatórias para vender produtos alimentares potencialmente contaminados. • O investimento estrangeiro permanece desafiador, pois alguns subsetores são dominados por empresas estatais
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • No âmbito do 13º Plano Quinquenal (2016-2020), a China irá registrar um período de grandes reformas agrícolas. As reformas em curso na agricultura (liberalização parcial do uso da terra e dos preços agrícolas) são um bom sinal para futuros investimentos e produção. A produção agrícola será mais sustentável, uma vez que o apoio aos agricultores será equilibrado entre os vários subsetores e não será apenas atribuído à produção de milho. Isso favorecerá a produção de bens de maior valor agregado (carne, laticínios). • As reformas propostas trarão grandes oportunidades para fabricantes de maquinário locais e internacionais e empresas chinesas de sementes. Estima-se que a China permita a comercialização de sementes de milho geneticamente modificadas em um horizonte de três a cinco anos. • A comercialização em andamento melhorou a eficiência agrícola, com a biotecnologia sendo usada mais extensivamente no setor. Os rendimentos tendem a aumentar ainda mais. • A China será um dos líderes em adoção de tecnologias no setor agrícola o que abre oportunidades de investimentos objetivando melhorias futuras na produtividade agrícola. • Apesar da presença de grandes multinacionais de alimentos, a China tem poucas empresas de alimentos totalmente integradas. Espera-se que isso leve a um maior investimento agrícola, já que os produtores buscam controle sobre sua própria cadeia de suprimentos. • O crescimento do consumo e da diversificação da dieta também abre enormes oportunidades para exportadores de alimentos para a China, em termos de carnes e produtos lácteos.
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> • Alterar as preferências alimentares não altera a necessidade de produção de alimentos básicos, como o arroz, para proteger contra futuros choques de oferta. No entanto, os altos preços globais e os esquemas de subsídios do governo podem ajudar a lidar com esses desequilíbrios. • O aumento do investimento na produção de energia alternativa, ao mesmo tempo em que eleva o investimento geral da indústria, poderia servir para minar a disponibilidade de culturas alimentares. • A China foi atingida por vários escândalos de saúde alimentar nos últimos anos, sendo a mais notória a adulteração de laticínios com melanina. Qualquer outro evento de insegurança alimentar chinesa poderia prejudicar a produção local e diminuir ainda mais o investimento e a atratividade dos produtos. • A desaceleração do crescimento do PIB fará com que a taxa de expansão da demanda por algumas commodities agrícolas, como carne bovina e óleo vegetal, diminua.

Fonte: BMI, 2017a, 2018c, 2018d

4. SETOR DE GRÃOS DA CHINA

A China ocupa posição de destaque no cenário mundial de grãos, dado o tamanho de sua produção e seu crescente consumo. O país registrou forte crescimento de produção nos últimos anos, impulsionado principalmente pelos generosos subsídios governamentais dirigidos ao setor. No entanto, como parte dos esforços contínuos da China para reformar sua agricultura e tornar o setor mais eficiente e impulsionado pelo mercado, o governo reviu sua política de subsídios e está reduzindo seu apoio à produção de algumas commodities (Tabelas 2 e 3).

Tabela 2: Previsões de Produção e Consumo de Grãos (2018 a 2022)

Itens	Previsão de crescimento, 2018-2022	Perspectivas
Produção	Milho: 0,3%	Apoio limitado do governo e falta de áreas disponíveis para a expansão da produção de grãos prejudicarão o crescimento do setor. Prevê-se que a China permitirá a comercialização de sementes transgênicas de milho a longo prazo, o que incrementará a produção, e com potencial de aumentar a produtividade, aproximando dos rendimentos observados nos EUA. A produtividade de milho da China está atualmente em torno de metade dos principais produtores de milho, como os EUA e o Brasil.
	Soja: 3,2%	Desde 2014/15, o governo chinês vem alterando a política de preços mínimos para subsídios diretos à cultura de milho, redirecionando os benefícios para algodão e soja, a fim de maximizar a eficácia das suas políticas de apoio. Muito embora a produção de soja venha declinando nos últimos anos, a tendência está se revertendo, pois o Governo passou a priorizar a cultura da soja, buscando diversificar a produção agrícola. A produção de soja da China se estabilizará à medida que o governo se mostrar disposto a manter a produção local de soja não-GM, para uso pelo setor de alimentos. Restrições de áreas disponíveis impedirão qualquer expansão da área cultivada projetando-se que a produção potencial de soja atenda apenas 10% do consumo, até 2022.
	Trigo: 0,5%	O governo pretende manter uma quase auto-suficiência em trigo e manter o apoio em níveis elevados por enquanto, apesar das reformas em implementação. No entanto, a China já desfruta de alta produtividade de trigo, mas está suscetível a riscos climáticos, nos últimos anos. Essa possibilidade deixa o país vulnerável a níveis médios de produtividade no próximos anos.
Consumo	Milho: 2,4%	Depois de registrar crescimento fraco em 2016, o consumo de grãos, particularmente milho, reacelerará a longo prazo, devido principalmente à pecuária, avicultura e por sua demanda para alimentação humana.
	Soja: 5,2%	O crescimento do consumo de soja na última década tem sido muito forte, com demanda mais do que triplicando entre 2000 e 2015. O crescimento da demanda tem sido e continuará a ser impulsionado principalmente pelos aumentos das demandas por óleo de soja e para ração animal (setor pecuário). De fato, 85% da safra de soja é esmagada e a maior parte é transformada em alimentação. O consumo e as importações de soja da China crescerão nos próximos anos, mas a um ritmo mais lento do que no passado. Este será uma direta consequência da desaceleração em curso do crescimento real do PIB da China, influenciando a demanda do país por carne e ração animal.
	Trigo: 0,7%	O consumo de trigo crescerá mais lentamente que o milho, já que o trigo é principalmente usado para consumo humano, ao contrário do milho, que se beneficiará com o boom no setor pecuário.
Comércio		Grandes estoques acumulados sob a política anterior de estocagem de milho manterá a demanda de importação baixa em 2018, apesar das recentes quedas de produção. A demanda de importação de milho reacelerará em um horizonte de dois a três anos, período em que o consumo local de milho excederá em muito a produção. O déficit de milho aumentará para 34 milhões de toneladas em 2021/22. A produção de trigo também mostrará um crescimento mais fraco, mas o país permanecerá auto-suficiente, baseado em generosos subsídios governamentais. Em relação à soja, a China deixou de ser virtualmente auto-suficiente para ser a maior importadora global. A maioria das importações vem na forma de soja não processada que é esmagada domesticamente. China permanecerá dependente das importações de soja, prevendo-se que o déficit atinja 117 milhões de toneladas, em 2022.
Riscos	Curto prazo	Maiores riscos dizem respeito às mudanças em curso na política agrícola da China, tendo em vista que o apoio à produção vai impulsionar as perspectivas para a produção de soja nos próximos anos. Instabilidades climáticas também são fatores de risco, a curto prazo.
	Longo prazo	A China poderia adotar as culturas de milho geneticamente modificadas mais cedo do que o esperado, o que aumentaria a produtividade e a produção. O governo anunciou que manterá as políticas de preços mínimos de suporte para trigo e arroz. Outlook positivo para a produção de soja devido às mudanças em curso na política de grãos do país. Riscos potenciais decorrentes da provável comercialização de culturas GM no país. Apesar do governo mencionar planos de comercializar soja GM nos próximos 5 anos, prevê-se que o processo será demorado.

Fonte: BMI, 2018d

A Tabela 3, apresenta, resumidamente, dados atuais e projeções da produção e consumo de grãos, na China, de 2014 a 2022.

Tabela 3: Estimativas da Produção e Consumo de Grãos (2014-2022)

Indicadores	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Milho: produção (000 t)	218.450	215.650	224.600	219.550	215.159	214.513	217.087	220.344	222.988
Milho: consumo (000 t)	208.300	210.483	217.700	227.850	234.685	240.083	245.605	251.254	257.032
Milho: consumo (kg per capta)	149,8	150,7	154,6	161,7	165,9	169,1	172,4	175,9	179,5
Milho: balanço da produção (000 t)	10.150	5.167	7.600	-8.300	-19.526	-25.569	-28.517	-30.910	-34.044
Milho: autossuficiência (%)	104,9	102,5	103,5	96,4	91,7	89,3	88,4	87,7	86,8
Soja: produção (000 t)	11.951	12.154	11.785	12.900	14.448	14.592	14.738	14.885	15.034
Soja: consumo (000 t)	80.600	87.200	95.000	102.800	107.528	113.228	119.342	125.786	132.579
Soja: consumo (kg per capta)	58,0	62,4	67,7	72,9	76,0	79,7	83,8	88,1	92,6
Soja: balanço da produção (000 t)	-68.649	-75.046	-83.215	-89.000	-93.080	-98.635	-104.603	-110.900	-117.544
Soja: autossuficiência (%)	14,8	13,9	12,4	12,5	13,4	12,9	12,3	11,8	11,3
Trigo: produção (000 t)	121.900	126.180	130.100	128.500	129.142	129.659	130.307	130.828	131.482
Trigo: consumo (000 t)	120.000	117.000	114.000	118.560	119.508	120.464	121.307	122.157	123.012
Trigo: consumo (kg per capta)	86,3	83,7	81,2	84,1	84,5	84,8	85,2	85,5	85,9
Trigo: balanço da produção (000 t)	1.900	9.180	16.100	9.940	9.634	9.194	8.999	8.671	8.470
Trigo: autossuficiência (%)	101,6	107,8	114,1	108,4	108,1	107,6	107,4	107,1	106,9

Fonte: BMI, 2018d

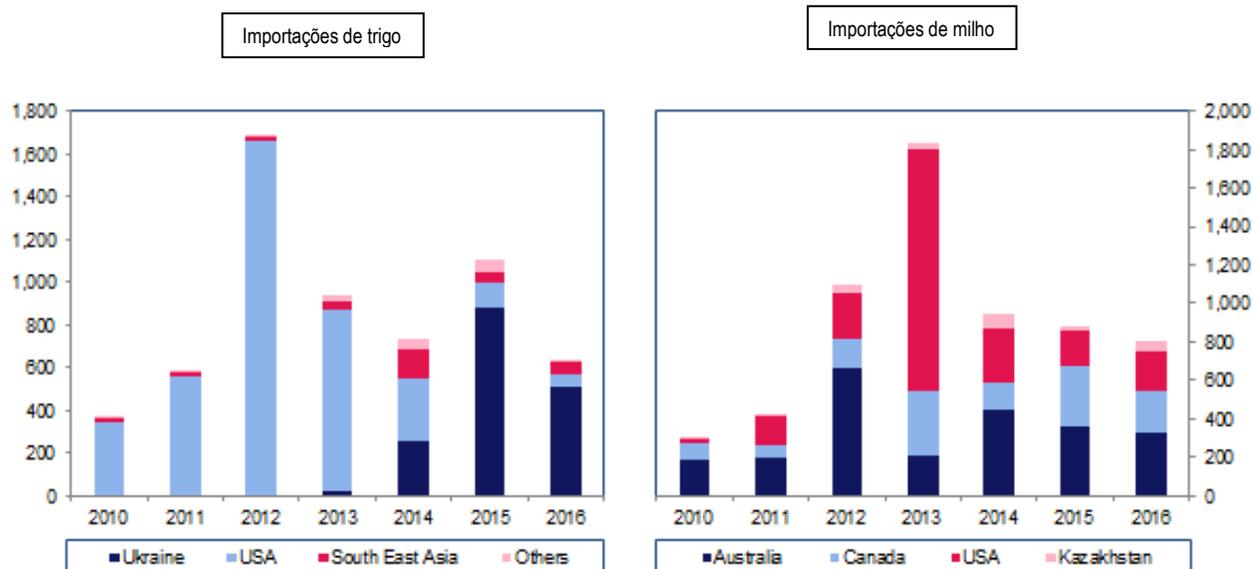
4.1. Tendências:

- **Soja:** as importações continuarão a se expandir de forma robusta nos próximos anos, uma vez que a demanda do setor de moagem será elevada. Primeiro, o uso de farelo de soja em rações está aumentando na China, devido ao crescimento acelerado e contínuo da suinocultura e da avicultura de corte em larga escala. Em segundo lugar, a demanda da China por óleo de soja também permanecerá em tendência de alta e o país está mais propenso a importar soja em grãos e esmagá-la domesticamente. A capacidade total de moagem da China está crescendo de forma constante, o que irá suportar as importações de soja em grãos nos próximos anos. As previsões são positivas em relação às perspectivas de produção dessa cultura, principalmente devido às mudanças na política de grãos que favorecerá o plantio nos próximos anos. A produção dessa commodity registrou uma importante inversão de tendência na temporada 2016/17, período em que a produção cresceu pela primeira vez, desde 2011/12. A produção permaneceu em alta em 2017/18 (+12%, a 14,4 milhões de toneladas) e ligeira tendência de alta em 2018/19. Apesar do aumento da produção, as importações continuarão a crescer de forma robusta em 2018, impulsionadas pelos preços internacionais comprimidos, elevada capacidade de moagem e recuperação contínua da produção pecuária, particularmente suína. A China viu sua participação no mercado global de exportação de farelo de soja crescer nos últimos anos, de 1% em 2011 (740.000 toneladas exportadas) para 3% em 2015 (1,6 milhões de toneladas exportadas) (BMI, 2018c e 2018d).

- **Óleos vegetais:** A demanda da China por óleos vegetais - nomeadamente óleo de soja e óleo de palma - multiplicou-se quase quatro vezes entre 2000 a 2015, aumentando de cerca de 6 milhões de ton a 20 milhões de ton. Projeta-se que o consumo de óleos vegetais continue subindo em ritmo acelerado, impulsionado pelo aumento da receita per capita e mudança nos hábitos de consumo. O consumo de óleo de soja vem crescendo a um ritmo muito mais rápido do que o óleo de palma nos últimos anos, devido principalmente aos preços do óleo de palma, não competitivo em relação aos preços do óleo de soja. O aumento da capacidade de moagem favorece as importações de soja em grãos em detrimento de óleos vegetais refinados. Entretanto é provável que a dependência das importações de óleo de soja seja reduzida à medida que o país se concentra na produção do óleo vegetal, dentro das fronteiras nacionais.
- **Milho:** O governo alterou a política de preços mínimos de suporte para o milho e anunciou, em 2016, que planeja cortar a área plantada de milho em regiões sub-produtoras até 2020. A redução na área de milho seria igual a cerca de 9% da área atual cultivada pela cultura em todo o país. Essas medidas levarão a um crescimento mais lento da produção de milho nos próximos anos. De acordo com BMI (2018), a comercialização de milho transgênico – estimada a ocorrer em um horizonte de dois a quatro anos - aumentará a produtividade da cultura, a longo prazo. Entre 2017 a 2019, por exemplo, prevê-se que a produção de milho seja negativa em -2,3% (-2,0%, em 2017/18 e -0,3%, em 2018/19), contribuindo para um déficit elevado e crescente que atingirá 25 milhões de toneladas em 2019 (BMI, 2018d). Aliado a esse cenário, soma-se a decisão do Governo em introduzir uma mistura mandatória de 10% de etanol aos combustíveis, até 2020 (BMI, 2018c). Estima-se que as importações de milho reacelerarão em um horizonte de dois anos, já que o consumo local de milho excederá em muito a produção. O país verá o déficit de milho crescer em ritmo acelerado e registrará o maior déficit global em 2022, estimado em 34 milhões de toneladas.
- **Arroz e trigo:** as autoridades governamentais manterão o programa de apoio ao preço do arroz e do trigo, já que vêem a autossuficiência desses dois alimentos básicos como fundamental para a segurança alimentar nacional. Além dos esquemas de suporte de preços específicos para commodities, a China mantém programa de apoio como pagamento direto aos produtores de grãos e subsídios para sementes, combustível/fertilizante e maquinário. A produção de trigo cresceu 0,5% em 2017/18, para 129,1 milhões de toneladas. O crescimento da produção permanecerá fraco em 2018/19. As importações de trigo permanecerão estáveis em torno de 3 a 4 milhões de toneladas em 2017 e 2018, apesar de grandes superávits, devido ao elevado nível local de preços e demanda por trigo de alta qualidade.

A Figura 2, apresenta, resumidamente, as importações de milho e trigo pela China, de 2010 a 2016.

Figura 2: Importações de milho (direita) e de trigo (esquerda) – 2010 a 2016



Fonte: BMI, 2018c

5. ARROZ

A China se tornou a maior importadora global de arroz em 2014 e provavelmente permanecerá entre os principais importadores nos próximos anos. A produção continuará a crescer a um ritmo lento nos próximos anos, uma vez que o governo manterá seu apoio à produção de arroz, enquanto o crescimento do consumo está desacelerando. A China registrará pequenos superávits, mas as importações serão incentivadas por preços internacionais mais baixos em comparação com os preços locais (devido à política oficial de preços mínimos). Uma mudança na política de preços, ou um súbito aumento dos preços internacionais, limitaria as importações.

O governo reiterou o seu apoio à produção de arroz na China em 2016 e 2017, uma vez que decidiu manter o apoio à política de preços mínimos, mas reduziu novamente para a safra de arroz de 2017/18 e seguirá essa decisão para a próxima safra 2018/19. Apesar desta diminuição, o apoio da China à produção de arroz continua elevada especialmente em relação aos preços internacionais. O plantio de arroz é atraente para os agricultores de grãos no país, e manterá a produção interna em níveis elevados, nos próximos anos.

A China registrará um pequeno excedente de produção em 2017/18 e 2018/19, mas as importações permanecerão elevadas e permanecerão em torno de 4,5-5,0 milhões de toneladas, em 2018. A política interna de apoio aos preços mantém os preços locais muito acima dos preços internacionais, sustentando a demanda por arroz importado. A China continuará sendo o maior importador mundial de arroz, no período 2018 a 2022 (Tabela 4).

Tabela 4: China-Previsões de Produção e Consumo de Arroz

Itens	Previsão de crescimento, 2018-2022	Perspectivas
Produção	0,6%	O crescimento da produção continuará a ser impulsionado por melhorias de produtividade visto que o crescimento na área sob cultivo está diminuindo. Os rendimentos foram crescendo a um ritmo ligeiramente mais rápido do que a área colhida de 2006 a 2015 (em 0,7% ao ano para a área, contra 0,8% para a produtividade), graças ao uso crescente de arroz híbrido de maior rendimento. O preço mínimo de suporte (MSP) tem estagnado desde 2014 e declinará em 2017, arrastando o crescimento da produção. No entanto, o arroz ainda representa para o país o alimento mais importante para a alimentação de sua população e o governo provavelmente manterá uma taxa de auto-suficiência saudável para os próximos anos através de programas de apoio.
Consumo	0,5%	Embora o aumento da renda individual e a lenta ocidentalização das dietas levar a um crescimento mais rápido no consumo de trigo do que no arroz, a demanda deste último permanecerá em uma tendência de alta. É um alimento básico e população lenta o crescimento ajudará o consumo a aumentar nos próximos cinco anos.
Comércio	n/a	A China tornou-se o maior importador de arroz do mundo em 2013/14 e é provável que permaneçam entre os principais importadores nos próximos anos. China vai gravar pequenos excedentes, mas as importações serão incentivadas por preços internacionais em comparação com os preços locais (devido à política MSP). Parte do arroz importado é contrabandeado para o país ilegalmente. Uma mudança na política de preços mínimos (queda acentuada dos preços) ou subida repentina dos preços internacionais, limitaria as importações.
Riscos	Curto prazo	Instabilidades climáticas.
	Longo prazo	O clima adverso oferece o maior risco às previsões de produção.

Fonte: BMI, 2018d

5.1. Tendências

O Governo tem demonstrado disposição a manter o atual preço de suporte e a política de estocagem de arroz, que, no entanto, enfrenta os mesmos desafios que o milho, incluindo o aumento das importações devido a preços internacionais atraentes. Isso pode forçar uma mudança na política de arroz nos próximos anos, o que provavelmente resultaria em uma queda das importações de arroz. O governo já decidiu diminuir os índices de preços mínimos para essa cultura, em 2017/18, o que poderia ser sinal de futuras mudanças (Tabela 5).

Tabela 5: China: Produção e Consumo de Arroz (2014-2022)

Indicadores	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Arroz: produção (000 t)	142.500	144.500	145.700	144.972	145.986	146.862	147.597	148.335	149.076
Arroz: consumo (000 t)	143.000	144.500	144.000	144.720	145.589	146.462	147.341	148.225	n/a
Arroz: consumo (kg per capta)	102,9	103,4	102,6	102,4	102,3	102,5	102,8	103,1	103,5
Arroz: balanço da produção (000 t)	-500	0	1.700	684	1.265	1.273	1.134	993	851
Arroz: autossuficiência (%)	99,7	100	101,2	100,5	100,9	100,9	100,8	100,7	100,6

Fonte: BMI, 2018d

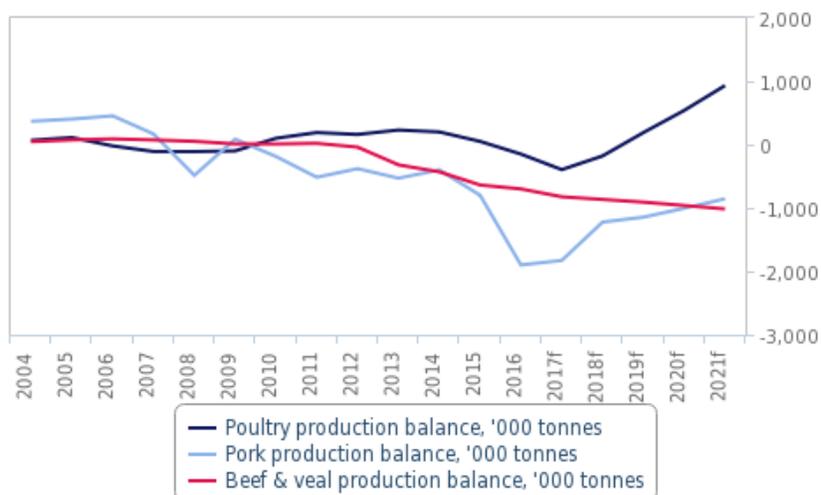
6. SETOR DE CARNES

6.1. Destaques

- Consumo per-capita de carne bovina: 5,4 kg comparado com 35-40 kg per-capita no Brasil
- 119,9% foi o incremento de importações de carne bovina pela China, de 2011 a 2015
- **15,5% foi a participação do Brasil** na exportação de **carne bovina** para a China, em 2015
- Consumo per-capita de carne suína: 41,8 kg consumo, em 2015, prevendo-se 47,3kg de consumo em 2020
- 31,9% foi o incremento na produção local de carne suína entre 2010 e 2015
- 65% é a participação da **carne suína** no consumo total de carnes; 50% da produção mundial de carne de suínos é proveniente da China.
- **0,20% é a participação brasileira no mercado de carne suína na China.**
- **Brasil é o 14º fornecedor** de carne suína para a China.
- Consumo per-capita de carne de aves: 9.4kg, em 2015, prevendo-se 10.9kg, em 2020
- 48,1% foi o percentual de incremento na produção local de aves entre 2010 e 2015.
- 21% é participação da **carne de aves** no consumo total de carnes;
- China é o 2º maior produtor mundial de carne de aves, atrás dos EUA e na frente do Brasil (3º)
- 22,5% é a projeção de incremento da produção de carne de aves, entre 2015 e 2020.
- 25,9% é a projeção de incremento do consumo de carne de aves entre 2015 e 2020.
- **83% é a participação brasileira na exportação de asas de frango para a China.**

Projeta-se forte crescimento no consumo de carne bovina, suína e de frango. O setor pecuário irá acelerar o processo de consolidação e modernização a fim de acompanhar a demanda, concentrando-se em genética animal, integração vertical e aumento de escala. A China manterá a auto-suficiência em aves, mas seus déficits em suínos e carne bovina aumentarão gradualmente à medida que os produtores domésticos não adotem novas práticas e tecnologias buscando superar os gargalos da cadeia de produção (**Figura 3**) (BMI, 2017b, 2018c,d).

Figura 3: Balanço da Produção e Consumo de Carnes na China - 000 ton (2004-2021)



Fonte: BMI, 2017a

6.2. Carne bovina

O setor de carne bovinas é ineficiente: os lucros são baixos em comparação com outras atividades agropecuárias e diminuirão mais com o aumento dos custos, especialmente de ração animal. Ademais, a evolução do setor de pequenas propriedades para fazendas comerciais ocorre muito lentamente. Em termos de padrões de produção, qualidade da carne, sistemas de classificação, testes e sistemas de monitoramento, o país está significativamente atrasado em relação a outros mercados mundiais. A previsão para 2022 é de que haja aumento moderado tanto da produção quanto do consumo de carne bovina, mas este continuará a superar significativamente a quantidade produzida. A produção continuará a ser estimulada pela crescente demanda e também pelo suporte do governo chinês para melhoramento genético e expansão de fazendas comerciais (Tabela 6) (BMI, 2017b e 2018c,d).

Tabela 6: China-Previsões de Produção e Consumo de Carnes

Itens	Previsão de crescimento, 2018-2022	Perspectivas
Produção	Aves: 7,5%	O crescimento da produção avícola na China reacelerará nos próximos anos, uma vez que a China permita a importação de estoques de avós dos EUA e da França. A produção será apoiada pela crescente demanda. Aves é a segunda carne mais importante na China e aumentou sua participação na produção pecuária total, muito mais rápido que a carne de porco graças à consolidação e modernização do setor nos últimos 10 anos. O setor não é mais dominado por centenas de pequenos proprietários que mantêm as aves como atividade secundária. Muitos pequenos agricultores abandonaram a produção, especialmente nas províncias do leste economicamente mais desenvolvidas do país
	Suínos: 3,2%	A China é o maior produtor global de carne suína e foi responsável por cerca de 50% da produção mundial na última década. O país também está emergindo como um importante participante no cenário mundial, devido às crescentes importações da China. A produção de suínos será apoiada pela modernização e industrialização contínuas da cadeia de suprimentos. A produção e o abate estão passando por uma fase de reestruturação e consolidação que impulsionará a capacidade de produção de longo prazo, dominado por empresas grandes, modernas e eficientes. Produção vai passar por um primeiro período de adaptação, pois milhões de pequenos produtores saíram do mercado, durante o período de 2015-2016, após superexpansão entre 2011 e 2013 e lucros reduzidos.
	Carne bovina: 2,2%	A produção de carne bovina continuará a se expandir em ritmo lento nos próximos anos. Indústria de carne bovina da China continua em sua fase primária de desenvolvimento e é marcada pela ineficiência, com a mudança de pequenas propriedades para a agricultura está ocorrendo muito mais lentamente neste setor do que nas indústrias de aves e suínos. Em termos de produção, normas, qualidade da carne, sistemas de classificação, testes e sistemas de monitoramento, o país é ainda pouco desenvolvido, ficando atrás de outros mercados globais. A lenta expansão do setor será impulsionada pela mudança de consumo padrões e pelo apoio continuado do governo à produção, melhoramento genético e expansão de fazendas comerciais maiores. No geral, a consolidação do setor e a padronização de saúde e segurança serão os principais prioridades nos próximos anos em toda a pecuária
Consumo	Aves: 5,0%	O consumo de carne de frango crescerá no ritmo mais rápido do setor pecuário, ajudado pela sua acessibilidade. O consumo per capita atingirá 10,4 kg por ano em 2021, comparado aos 9,1 kg consumidos em 2016.
	Suínos: 2,7%	A carne suína é, de longe, o tipo de carne mais popular na China, seguido por aves, carne bovina e carne de carneiro. A carne suína continuará a ser a carne de escolha para os consumidores chineses. O consumo per capita chegará a 43kg por ano em 2021, comparado com 39kg em 2016.
	Carne Bovina: 2,2%	O crescimento do consumo de carne bovina diminuirá nos próximos anos, devido à desaceleração econômica e à repressão à corrupção. A carne bovina é cara, tornando a demanda mais elástica do que em outras carnes. O consumo per capita atingirá 6 kg por ano em 2021, comparado com 5,4 kg em 2016.
Comércio		O consumo de carne continuará a crescer em ritmo mais acelerado do que a produção, já que a produção local é retida ineficiências, apesar das melhorias nos setores de aves e suínos. Déficit da China para carne suína e bovina irão aumentar consideravelmente nos próximos anos. Assim, as importações de carne suína e bovina da China continuarão em tendência de alta.
Riscos	Curto prazo	Surto de doença animal, doméstica ou globalmente.
	Longo prazo	Surto de doenças animais, doméstica ou globalmente. A baixa demanda ocorre de uma desaceleração mais acentuada que a esperada na economia, podendo afetar o crescimento futuro quanto às previsões de consumo. Surtos de doenças também apresentam riscos significativos.

Fonte: BMI, 2018d

A Austrália é o principal fornecedor de carne bovina à China, porém sua participação diminuiu de 52.8%, em 2011, para 34.2%, em 2015. O país possui vantagem comparativas e competitivas, uma vez que pode exportar cortes frescos e resfriados, o que ainda representa um dos nichos que mais cresce. Adicionalmente, a Austrália assinou acordo comercial em 2014 que visa reduzir as tarifas de carne e um protocolo em 2015 para exportar gado vivo e carne para a China (ApexBrasil, 2016b).

O segundo principal fornecedor é o Uruguai, com 21.1% de participação, em 2015. Outros fornecedores são Nova Zelândia, Brasil e Argentina, denotando que a China está diversificando os fornecedores de carne principalmente para a América Latina. Países como o Uruguai e Brasil conseguem oferecer preços competitivos e irão se beneficiar das importações chinesas. Em 2015, por exemplo, o Brasil exportou 56 mil toneladas, e a expectativa é que a China se torne um dos maiores destinos de carne bovina brasileira, desde a abertura do mercado.

Aspecto relevante é a questão de “branding” adotado pelos países concorrentes do Brasil os quais realizam um forte trabalho de imagem no mercado chinês. De acordo com trabalhos da ApexBrasil (2016b), em supermercados de alto padrão, a carne geralmente é vendida com um selo indicando seu país de origem, reforçando que se trata de um produto importado e de qualidade. Isso favorece as vendas, uma vez que o consumidor de carne bovina, em geral, aceita pagar mais pela carne importada, a qual é percebida principalmente como mais segura. As carnes australiana, uruguaia e argentina possuem uma imagem forte de alta qualidade.

6.3. Carne suína

A carne suína é a preferida dos chineses, respondendo por 65% do consumo total de carnes. O país é o maior produtor de carne suína e responsável por 50% da produção mundial. De acordo com dados do BMI (2018), a produção interna foi de 52,3 milhões de tons, em 2015 e de 57,5 milhões de tons de demanda, diferença coberta por importações. A expectativa é que as importações continuem ascendentes já que a produção não acompanhará a crescente demanda. O consumo per-capita, em 2015, foi de 41,8 kg de carne suína, prevendo-se que o consumo aumente para 13,2 % até 2020, chegando a 47,3 kg per-capita.

O Brasil começou a exportar carne suína para a China apenas em 2012, após a abertura do mercado em 2011. Ao todo, o Brasil foi o 14º fornecedor, com exportações de US\$ 2,02 milhões. A participação brasileira no mercado de carnes suínas ainda é pequena, em torno de 0,20% (ApexBrasil, 2016b).

6.4. Carne de aves

Carne de aves é a segunda proteína animal mais consumida na China após a carne suína, e representa cerca de 21% do consumo total de carnes. O país é o segundo maior produtor mundial após os Estados Unidos e logo à frente do Brasil, e é também o segundo maior consumidor. O consumo per capita de carne de aves foi de 9,4 kg, em 2015, e a previsão é chegar a 10,9 kg, em 2020 (ApexBrasil, 2016b).

Entre 2010 e 2015, a produção de aves cresceu 48,1%, comparado com 31,9% de crescimento da produção de carne suína. A produção doméstica de carne de aves cresceu mais rapidamente principalmente em razão da consolidação do setor e da evolução da industrialização da produção. O modelo de integração vertical no qual uma grande empresa controla as diversas etapas de produção, inclusive a criação de aves, vem ganhando espaço. No entanto, ainda é mais comum a criação de aves por produtores de agricultura de subsistência e não se vislumbra que a produção verticalmente integrada se torne o modelo dominante no setor em um futuro próximo.

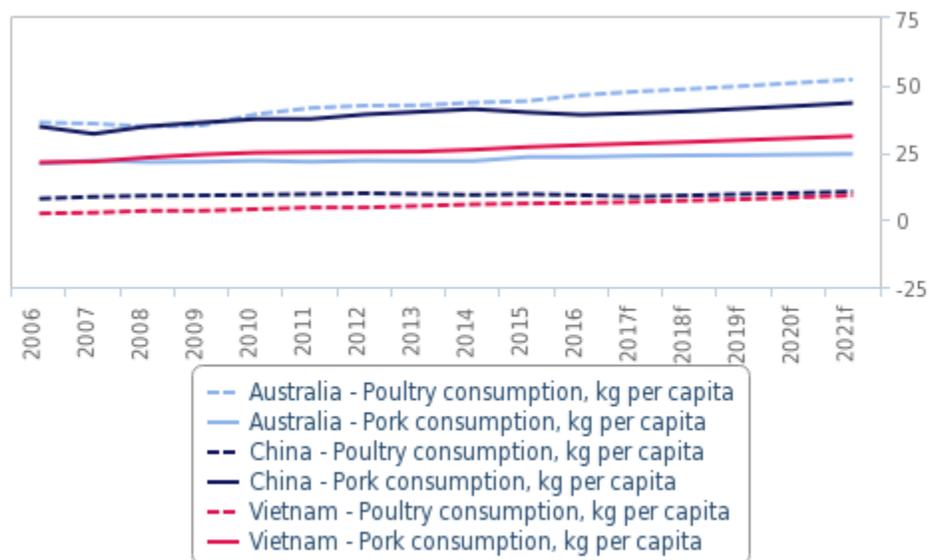
De acordo com a BMI (2017a), estimou-se que a produção de aves alcançou 13 mil tons, contra 12,8 mil tons de consumo. Projeta-se que a produção cresça 22,5%, entre 2015 e 2020, enquanto o consumo deve crescer a 25,9%.

É um setor bastante sensível a preços pois a carne de aves é normalmente vista como uma substituta à carne suína, que é a preferida do consumidor chinês, e por isso seu preço é fortemente correlacionado ao preço da carne suína. Assim, o aumento do preço da carne suína tende a elevar o consumo de carnes de aves. Por outro lado, se os preços de carne suína caem isso impacta negativamente o consumo de aves. Já a crescente preocupação dos chineses com hábitos alimentares saudáveis favorece a demanda por carne de aves, considerada mais saudável que carne suína e bovina (ApexBrasil, 2016b).

O Brasil é o maior fornecedor de carne de aves, *in natura*, desde 2010. Os Estados Unidos eram o maior fornecedor até 2009, com grande vantagem sobre o Brasil. No entanto, em 2010 os Estados Unidos suspenderam as importações de carne de frango processada da China e os chineses contra-atacaram com tarifas antidumping sobre as importações de partes de carne de frango *in natura* americana, alegando que o país concedia subsídios ilegais a seus produtores. Claramente, essa disputa favoreceu o Brasil, mesmo considerando que em 2013 os Estados Unidos obtiveram decisão favorável sobre a questão junto à OMC, e a China acatou sem recorrer. Os Estados Unidos se recuperaram, uma vez que houve aumento de 7,2% de participação em 2011, para 20,4% de participação, em 2014 (ApexBrasil, 2016b).

Para os exportadores, o mercado chinês é complementar em relação ao resto do mundo, pois tem preferência por cortes pouco consumidos em outros mercados, especialmente asas e pés. O Brasil, por exemplo, é o principal exportador de asas de frango para a China, responsável por 83% do mercado importador de asas, em 2012. O consumo de aves pela população chinesa tem muito espaço para crescimento, comparado com outros países, e internamente, comparado com o consumo de carne suína (Figura 4).

Figura 4: China - Consumo per-capta de carnes suína e aves. Comparações com Austrália e Vietnã (kg/ano) 2006-2021

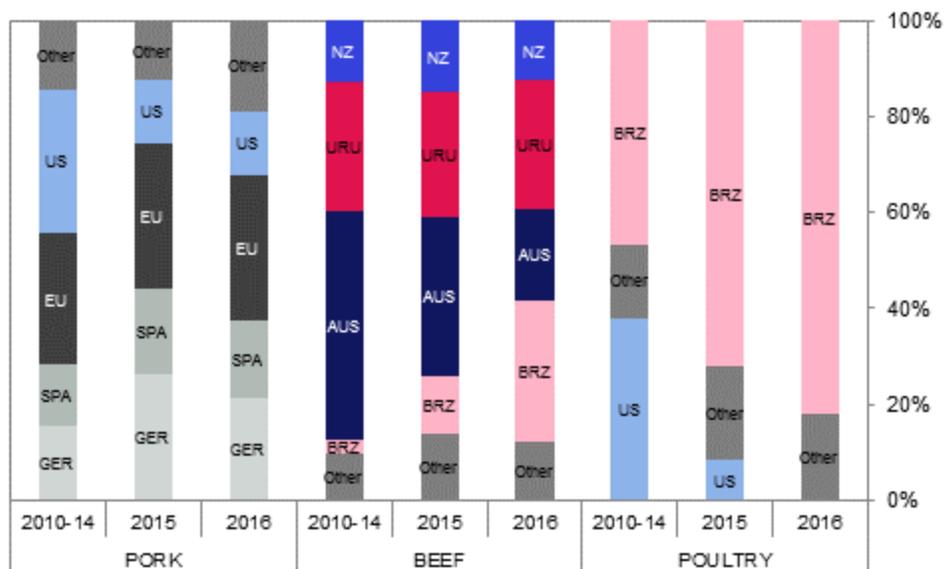


Fonte: BMI (2017a, 2018c)

6.5. Tendências

- Carne suína e bovina: projeta-se que a produção de carne bovina e suína da China cresça a um ritmo mais lento do que o consumo, e a China se torne cada vez mais dependente das importações nos próximos anos. A produção de carne está sendo prejudicada por suas ineficiências e baixa lucratividade, a qual é também limitada pela falta de oferta de gado vivo. As mudanças em curso na política de grãos do país, que estão levando a uma queda nos preços locais, favorecendo os setores de rações e insumos provavelmente ajudarão o setor pecuário nos próximos anos. O acordo entre China e Austrália, firmado em 2016, para importação de gado em pé, também aumentará a oferta de carne bovina nos próximos anos. No entanto, o país precisará investir e aumentar a eficiência se quiser reduzir os déficits crescentes. A consolidação em curso no setor de carne suína significa que o crescimento da produção será mais fraco por alguns anos antes de se acelerar, à medida que agricultores da agricultura de subsistência, forem sendo induzidos a deixar esse setor por leis ambientais e de segurança mais rígidas que eles não conseguem cumprir. A China já se destaca globalmente como uma das principais economias importadoras de carne pois, a partir de 2015, foi a segunda maior importadora de carne suína e a terceira maior em carne bovina. Projeta-se que o déficit de carne bovina e suína continue em expansão no médio prazo (BMI, 2018c,d).
- Carne de aves: embora a China tenha conseguido se tornar uma exportadora líquida de carne de frango nos últimos anos, com a aceleração da produção local, a proibição dos estoques de avós de seus dois principais fornecedores, a partir de 2015, levará a uma queda na produção de aves em 2017 e 2018. Projeta-se que a produção local possa recuperar-se a longo prazo, o que limitará a demanda de importação para além de 2018-2019. O país investiu pesadamente na consolidação e na industrialização do setor, o que sugere que a produção aumentará fortemente quando a oferta de ações dos avós se estabilizar (BMI, 2018c,d).
- Importações de carnes: a concorrência entre os exportadores internacionais de carnes para suprir as crescentes importações chinesas vem aumentando em ritmo acelerado, à medida que a China vem expandindo sua base de importadores. Um número limitado de fornecedores de carne beneficiará destas tendências, principalmente países em desenvolvimento de baixo custo, como o Brasil. O Brasil, em particular, tem feito incursões rápidas nos mercados chineses de carne bovina e de aves e está registrando um forte aumento nas exportações este ano. As autoridades da China suspenderam a proibição, imposta em 2012, da carne bovina brasileira em 2015 e o país se tornou o maior fornecedor de carne bovina da China em questão de meses, superando a Austrália. Esta ainda tem a vantagem de ser a única fornecedora de cortes de carne fresca e refrigerada para a China, que ainda é um segmento pequeno, mas em expansão e maior exportadora de gado vivo, outro mercado em expansão (Figura 5) (BMI, 2017a, 2018d).

Figura 5: Importações de carnes por países (% total do volume importado)



Obs: US (Estados Unidos), EU (União Europeia), SPA (Espanha), GER (Alemanha) NZ (Nova Zelândia), URU (Uruguai), AUS (Austrália), BRZ (Brasil)

Fone: BMI (2017a, 2018d)

7. SETOR DE LATICÍNIOS

O setor lácteo chinês continua sendo um dos subsetores que mais crescem na indústria de alimentos da China. Produção e consumo de produtos lácteos, especialmente leite in-natura e leite em pó, aumentaram rapidamente em 2015 e 2016, devido, principalmente, ao aumento de renda dos consumidores, urbanização acelerada, acessibilidade das instalações de armazenamento a frio e maior conscientização dos benefícios para a saúde dos produtos lácteos.

No entanto, o abrandamento do crescimento da economia, a partir de 2017, aliada à menor procura interna de produtos lácteos, levaram a situações de excesso de oferta no mercado de leite in-natura, que, por sua vez, afetou a produção de leite em pó e derivados. Esta situação afetou a rentabilidade dos produtores, especialmente os pequenos agricultores, mas projeta-se que ganhos de produtividade e a importação havida de gado leiteiro do exterior (2008 a 2015) apoiarão a produção durante o período de 2018 a 2022 (Tabela 8) (BMI, 2017a, 2018d).

A atividade de fusões e aquisições em torno do setor de lácteos da China continua dinâmica, uma vez que as empresas chinesas realizam aquisições tanto no exterior quanto localmente. Os maiores produtores de lácteos chineses se concentrarão cada vez mais em produzir leite de qualidade e investir com esse objetivo para ganhar a confiança dos consumidores e garantir um crescimento estável da produção (BMI, 2018d).

Tabela 8: China-Previsões de Produção e Consumo de Carnes

Itens	Previsão de crescimento, 2018-2022	Perspectivas
Produção	Leite: 5,0%	Após o declínio em 2015/16 e 2016/17 devido à queda dos preços, estima-se que a produção de leite irá acelerar novamente ao final do período de previsão, uma vez que o incremento da oferta doméstica promoverá o reequilíbrio da demanda. A contínua consolidação e a industrialização do setor também continuarão progredindo, impulsionando os rendimentos e a produção de leite. O apoio governamental através da alocação de fundos para produção de forragem de alta qualidade e pesquisa genética em vacas leiteiras reprodutoras, também impulsionará o crescimento da produção. No geral, o crescimento médio para 2019/20 será mais forte do que nos últimos cinco anos.
	Leite em pó integral: 5,4% Queijos: 4,5% Manteiga: 4,2	O aumento da oferta doméstica de leite líquido favorecerá o desenvolvimento de produtos lácteos processados. O crescimento da demanda por leite atrairá investimentos estrangeiros e domésticos para o setor, levando à expansão da capacidade (tanto na cadeia de produção quanto na cadeia de fornecimento). Estima-se que a produção de leite em pó supere outros produtos lácteos processados, já que os itens com maior prazo de validade são geralmente favorecidos pelos consumidores asiáticos, devido a preocupações com a segurança alimentar.
Consumo	Leite in-natura: 6,2%	A ocidentalização das dietas, juntamente com o crescimento do PIB per capita e a urbanização em curso, ajudarão a impulsionar o consumo de produtos lácteos. Iniciativas do governo para impulsionar a demanda, promovendo os benefícios para a saúde de produtos lácteos - medidas que incluem limites de preço do governo - estimularão o crescimento do consumo de leite líquido e processado.
	Leite em pó integral: 5,4% Queijos: 4,5% Manteiga: 4,2%	O consumo de leite em pó será o mais forte entre os produtos lácteos processados devido ao uso generalizado de fórmulas infantis. Além disso, a recente decisão do governo de avançar para uma política de "dois filhos" irá impulsionar a demanda de leite em pó. Esta será uma tendência de longo prazo, já que a mudança para ter dois filhos em vez de um será lenta nos próximos anos. O consumo destes também será particularmente forte à medida que dietas mais ocidentalizadas se espalharem entre a população jovem.
Comércio	n/a	China é grande importadora de produtos lácteos e maior importadora global de leite em pó. As importações continuarão fortes nos próximos anos, já que o consumo continuará crescendo mais rapidamente que a produção.
	Longo prazo	Em 2008, ocorreu grande escândalo de segurança alimentar no país representado pelo escândalo da melamina, que destruiu o setor de lácteos abalando fortemente a confiança do consumidor no mercado de laticínios da China no setor. Outro escândalo seria catastrófico para o setor. A recente decisão de alterar a política demográfica de um filho para até dois filhos apresenta riscos ascendentes para a previsão de consumo de leite em pó a longo prazo. No entanto, estima-se que a mudança seja lenta a nível das famílias, devido a hábitos arraigados. Enquanto isso, o governo está procurando promover o aleitamento materno para limitar as necessidades de importação.

Fonte: BMI, 2018d

8. OPORTUNIDADES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O setor de agronegócios do Brasil é analisado em recente relatório publicado pela BMI (2018). Neste, listou-se uma série de pontos relevantes que permitiram a confecção de um quadro SWOT da agricultura brasileira. Resumidamente, pode-se agrupar as principais forças, fraquezas, oportunidades e ameaças ao desenvolvimento da agricultura brasileira e de cujas análises muito se poderá agregar aos interesses do agronegócio brasileiro em sua expansão e busca de novos mercados na China (Tabela 9).

As oportunidades para a expansão do comércio bilateral entre o Brasil e a China são inúmeras e variadas, com destaques para os setores de grãos, carnes (bovina, suína e de aves) e laticínios, principalmente leite-em-pó, com a demanda interna de proteína animal se expandindo rapidamente. No caso da cana de açúcar, embora não tenha sido objeto desta Nota, a China não poderá sustentar a forte demanda de açúcar nos próximos anos devido a inúmeros desafios, incluindo disponibilidade de terras, baixa mecanização, altos custos de produção e baixa produtividade, inclusive no setor de moagem, e concorrência do açúcar bruto importado. Nesse sentido, o país continuará sendo grande importador global de açúcar, devido ao rápido crescimento nos alimentos processados (BMI, 2018d e ApexBrasil, 2017b,c).

Tabela 9: Matriz SWOT do agronegócio brasileiro

Forças	<ul style="list-style-type: none"> • Com uma vasta área de terra e uma variedade de climas, o Brasil é naturalmente adequado para grandes produção agrícola através de uma gama diversificada de produtos. • A grande população brasileira fornece uma oferta abundante de mão-de-obra, com salários abaixo dos países desenvolvidos, mas formando um grande mercado de bens. • Desde meados da década de 1980, o governo reduziu substancialmente seu papel na agricultura, liberando mercados e privatizando empresas estatais.
Fraquezas	<ul style="list-style-type: none"> • O mau estado da infraestrutura fora dos grandes centros populacionais faz expansão de produção mais difícil e prejudica a competitividade devido ao aumento de custos. • Taxas de juros altas tornam o empréstimo caro, restringindo o acesso ao crédito. • Há um alto nível de endividamento entre os agricultores brasileiros restringindo o investimento na melhoria da produção e produtividade. • Má higiene e supervisão da qualidade deixam a agricultura brasileira aberta à doença, surtos de epidemias, como o escândalo da "fraude do leite" em 2007.
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • A crescente demanda internacional por certos tipos de fibras e grãos garantirá a existência de um mercado de exportação vibrante. • Os rendimentos em muitos setores ainda são baixos para os padrões internacionais, deixando espaço para melhorias. • A proibição da Rússia de importações agrícolas selecionadas por dois anos, entre 2014 e 2016, continua a fornecer oportunidades para as exportações brasileiras, particularmente no setor de carnes. • Um real enfraquecido incentivará as exportações de produtos agrícolas. • O governo brasileiro está procurando reduzir os obstáculos e as restrições compras de terras agrícolas no país. Isso poderia atrair significativa investimento e apoio ao crescimento mais forte da indústria global do agronegócio brasileiro. • Recentes políticas restritivas a outros países advindas da nova administração dos EUA oferecerá oportunidades adicionais para as exportações agrícolas brasileiras, principalmente para os países asiáticos. A retirada pela administração Trump do Parceria Trans-Pacífico (TPP) manterá a competitividade do Brasil em relação aos EUA no vigoroso mercado asiático.
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> • A rápida expansão da agricultura em novas áreas ameaça trazer o agronegócio para novos conflitos com grupos ambientais e de conservação. • O clima econômico ruim interno provavelmente ameaçará os fluxos de investimento. • A sanidade vegetal é uma ameaça sempre presente em muitas culturas, sendo as mais afetadas o cacau, café e soja. • O real fraco em relação aos anos anteriores tornará certos insumos agrícolas mais caros. • Tentativas frustradas de alguns estados de introduzir impostos de exportação sobre grãos e soja indicam os riscos crescentes de políticas adversas para o setor agrícola, enquanto os estados tentam medidas para compensar receitas fiscais mais baixas. • O escândalo de 'carne fraca' em andamento poderia reduzir a demanda pelas exportações brasileiras de carne bovina e em última análise, reduzir a produção interna.

Fonte: BMI, 2018f

8.1. Principais oportunidades

- **Milho:** A produção de milho atingiu níveis recordes em 2017, reduzindo os preços e provocando instabilidade financeira para os produtores (Tabela 10). Segundo projeções da BMI (2018f) os produtores poderão responder às restrições financeiras reduzindo investimentos para a temporada 2018/2019, fazendo com que a produção caia. A perspectiva de longo prazo é positiva, já que os custos continuam a cair e as oportunidades de exportação para a Ásia, particularmente China, permanecerão substantivas. Adicionalmente, as recentes medidas do novo governo americano retirando os EUA da Parceria Trans-Pacífico ofereceu valiosa oportunidade para as exportações brasileiras de milho, mantendo a competitividade do Brasil em relação aos EUA no mercado asiático. Nesse sentido e apesar dos menores excedentes de milho nos próximos anos, o Brasil terá

importantes oportunidades de exportação, particularmente aos países asiáticos, uma vez que o real desvalorizado manterá os preços de exportação em níveis atrativos para importadores, até 2021/2022. Outro país asiático de interesse para o agronegócio brasileiro é o Vietnã, maior importador de milho brasileiro, com 4,8 milhões de tons, em 2015. Isso se deve pelo fato de que o próprio Vietnã exporta parte de sua produção interna para a China, apesar de ser em si um importador líquido, com elevada importação de milho do Brasil para preencher a lacuna. Além disso, a China está buscando importar grãos brasileiros após abrir recentemente seu mercado às importações de laticínios brasileiros. Conforme análises anteriores contidas nesta Nota, às fls 07 (Tabela 3), em relação ao elevado déficit de produção interna de milho na China, é oportuno reafirmar a importância dessa forte demanda chinesa como um impulso adicional às exportações brasileiras de milho, no período de 2018 a 2022.

- **Soja:** A produção brasileira de soja atingiu um recorde histórico em 2017 (Tabela 10). É a cultura motora da agricultura de exportação brasileira devido, principalmente, à forte demanda chinesa, apoiada no crescimento constante da produção pecuária (bovina, suínos e aves). Projeta-se sólida posição para a soja brasileira para o período 2018-2022, uma vez que os preços globais tenderão lentamente a subir e manter a produção brasileira em uma base competitiva alta. No entanto, o crescimento da produção será mais fraco do que durante o período anterior de 2013 a 2017 visto que a área dedicada à soja já está perto de recordes e o Brasil já é usuário extensivo de sementes geneticamente modificadas. Entretanto, a produção extraordinária de aves e suínos na China, impulsionará fortemente a demanda internacional por soja (e milho) para alimentação animal, sendo o Brasil o potencial maior beneficiário dessa expansão chinesa, para o período considerado.

Tabela 10: Estimativas e projeções de produção e consumo interno de milho e soja (2013-2021)

Indicadores	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Soja: produção (000 t)	82.000	86.700	97.200	96.500	114.075	107.230	109.375	111.562	113.793
Soja: produção (evolução ano a ano - %)	23,3	5,7	12,1	-0,7	18,2	-6,0	2,0	2,0	2,0
Soja: consumo (000 t)	38.185	39.276	43.410	43.401	44.486	45.375	46.056	46.516	46.749
Soja: consumo (evolução ano a ano - %)	-6,8	2,9	10,5	0,0	2,5	2,0	1,5	1,0	1,5
Soja: balanço da produção (000 t)	43.815	47.424	53.790	53.099	69.589	61.855	63.319	65.046	67.044
Milho: produção (000t)	81.500	80.000	85.000	67.000	97.817	93.904	95.312	96.742	98.193
Milho: produção (evolução ano a ano - %)	11,6	-1,8	6,3	-21,2	46,0	-4,0	1,5	1,5	1,5
Milho: consumo (000 t)	52.500	55.000	57.000	57.000	58.311	59.302	60.310	61.335	62.378
Milho: consumo (evolução ano a ano - %)	4,0	4,8	3,6	0,0	2,3	1,7	1,7	1,7	1,7
Milho: balanço da produção (000 t)	29.000	25.000	28.000	10.000	39.506	34.602	35.002	35.407	35.815

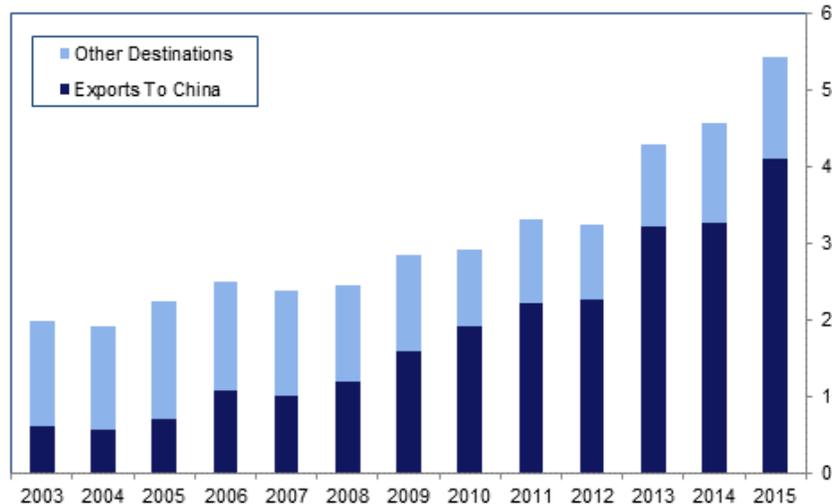
Fonte: BMI (2018f)

Três razões são apontadas como motivadoras e que podem permitir a expansão das exportações de soja para a China:

- A demanda chinesa de importação de soja é relativamente inelástica, já que o país importa mais de sete vezes a sua produção doméstica.
- Previsão de que o déficit de produção de soja na China cresça de 89,9 milhões de toneladas em 2017, para 110,9 milhões de toneladas em 2022, principalmente devido ao crescimento da produção pecuária a longo prazo, levando também em consideração a previsão de que o setor de carne suína chinesa registre um crescimento estável nos próximos anos.

- Previsão de que o real permaneça fraco em relação aos anos anteriores a 2021, que manterá as importações do Brasil atraentes para os compradores chineses. Portanto, é improvável que diminuam as exportações brasileiras de soja para a China (Figura 6) (BMI, 2018f).

Figura 6: Exportações anuais de soja (em milhões de tons) – 2003-2015

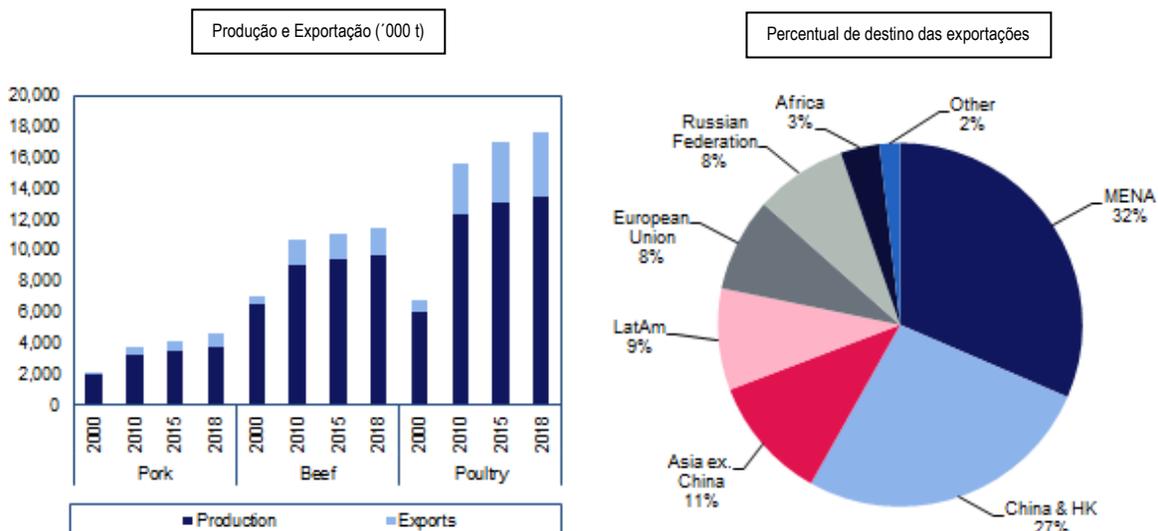


Fonte: BMI (2018f)

- **Açúcar e etanol:** As usinas brasileiras de açúcar e etanol tenderão a produzir mais deste na temporada 2018/19 à medida que políticas de apoio do governo são introduzidas e os preços domésticos do açúcar caem dos recentes máximos internacionais. O açúcar brasileiro continua a deter relevantes oportunidades de exportação até 2022, uma vez que a demanda da Ásia tende a aumentar. A Ásia continuará sendo o principal destino das exportações brasileiras, no período considerado de 2018 a 2022. Até 2022, a China exigirá importações adicionais de açúcar, inclusive para atender a determinação do E10, e para atender à demanda doméstica em rápido crescimento, combinação que potencialmente resultará em mais exportações brasileiras no futuro.
- **Pecuária:** A produção pecuária (bovina, suína e de aves de corte) irá acelerar no período considerado de 2018 a 2022, impulsionada pela depreciação do real, demanda persistente dos mercados asiáticos e custos de produção altamente competitivos. O escândalo da "Carne Fraca" provou ser de curta duração, mas os riscos permanecem. Visão positiva para o crescimento das exportações brasileiras de carne bovina para os próximos anos, com a Ásia sendo o principal mercado, particularmente a China. A produção de carne bovina e suína continuará a aumentar em 2018, para 9,7 milhões de toneladas e 3,9 milhões de toneladas, respectivamente. A produção de aves deve aumentar em quase 3%, para 13,8 milhões de toneladas. O crescimento está sendo impulsionado pela demanda de importação dos mercados asiáticos, enquanto a demanda doméstica ainda está se recuperando da fase pós-recessão. Menores custos de ração ao longo de 2017/2018 aumentarão a competitividade das exportações brasileiras nos mercados internacionais. O Brasil recuperou o acesso à maioria de seus principais mercados de exportação de carne, particularmente a China, após as proibições temporárias de exportação postas em prática, devido ao escândalo da "Carne Fraca". A carne bovina dos EUA, que recentemente ganhou acesso ao mercado chinês, deverá competir com as exportações brasileiras de carne. Adicionalmente, prevê-se que seja alcançado um acordo comercial entre o

Mercosul e a União Européia, abrindo uma quota de pelo menos 70.000 toneladas para o setor de carne bovina do Mercosul e aumentando o acesso do Brasil ao lucrativo mercado de exportação da UE (Figura 7) (BMI, 2018f).

Figura 7: Produção e exportação de carnes ('000 toneladas, esquerda) e percentual de destino de exportações em 2016 (direita)



Fonte: BMI (2018f)

- **Laticínios:** O acesso recente do setor de laticínios (leite-em-pó, principalmente) ao mercado chinês aumentará as oportunidades de exportação. Projeta-se que a produção de leite brasileira cresça em 2018, uma vez que a rentabilidade deverá melhorar com os preços em queda do milho para consumo animal. Além disso, recente adesão ao mercado chinês é susceptível de fornecer mais apoio à indústria de laticínios brasileira ao estimular as exportações.



Referências

Apex-Brasil (2016). **China: Oportunidades para a Indústria de Grãos na China**. 2016a. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/inteligenciaMercado/EstudosDeOportunidadesDeMercados/China 2016-Grãos>. Acesso em 14 maio 2018.

Apex-Brasil (2016). **China: Oportunidades para a Indústria de Carnes na China**. 2016b. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/inteligenciaMercado/EstudosDeOportunidadesDeMercados/China 2016-Carnes>. Acesso em 17 maio 2018.

Apex-Brasil (2016). **China: Oportunidades para a Indústria de Leite e Derivados na China**. 2016c. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/inteligenciaMercado/EstudosDeOportunidadesDeMercados/China 2016-Leite e Derivados>. Acesso em 18 maio 2018.

Apex-Brasil (2016). **China: Alimentos e Bebidas**. 2016d. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/inteligenciaMercado/EstudosDeOportunidadesDeMercados/China 2016-Alimentos e Bebidas>. Acesso em 09 maio 2018.

Apex-Brasil (2017). **Alimentos Bebidas e Agronegócios: Mercado de Frutas na China: Estudo setorial de mercados prioritários para exportação**. 2017. Disponível em: <http://www.apexbrasil.com.br/inteligenciaMercado/EstudosDeOportunidadesDeMercados/China 2017-Frutas>. Acesso em 25 maio 2018.

BMI RESEARCH (2017). **China: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2021**. Q4 2017. August 2017a. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 09 abril 2018.

BMI RESEARCH (2017). Asia Pacific Agribusiness Insight: **China: China Livestock: The Challenge of Realizing Massive Growth Potential** (Issue 48). December 2017b. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 28 maio 2018.

BMI RESEARCH (2018). **China: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2021**. Q1 2018. January 2018c. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 23 abril 2018.

BMI RESEARCH (2018). **China: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2022**. Q2 2018. April 2018d. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 07 maio 2018.

BMI RESEARCH (2018). **Commodity markets: Daily Alert-China's Agricultural Reforms: Seven Projects That will Shape the Sector**. March 2018e. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 17 maio 2018.

BMI RESEARCH (2018). **Brazil: Agribusiness Report: includes 5 years forecasts to 2021**. Q1 2018. January 2018f. Disponível em: <http://www.bmiresearch.com>. Acesso em: 15 maio 2018.

Market Early Warning Expert Committee of Ministry of Agriculture of China (2016). **China Agricultural Outlook (2016-2025). Highlights**. Market Early Warning Expert Committee of Ministry of Agriculture. April 2016. Disponível em: http://www.krei.re.kr/mm/new_books2/China2025.pdf. Acesso em: 03 maio 2018.